

Os estragos de um projeto equivocado: o caso da Ford de Guaíba que desenvolveu Camaçari

Lino Moura*

2010. Ano eleitoral. Campo fértil para o confronto de projetos. Um termo bem ao gosto do PT. As suas elites estão sempre enfatizando as virtudes dos seus projetos e as deficiências de tudo que venha de outro campo político, numa atitude maniqueísta que, na maioria das vezes não avalia o projeto como um todo.

Para alguns partidos, projetos bons são aqueles que produzem votos. Privilegiar fracos e oprimidos e, ao mesmo tempo, atacar os chamados “grandes” e as “transnacionais”, é um discurso fácil e irresponsável, que, muitas vezes, leva à destruição de pesquisas e empreendimentos que geram emprego e renda. Projetos que na prática apresentam resultados bem diferentes do que a população espera.

O caso dos incentivos fiscais, repudiados pelo PT, é um caso típico de concepção distinta entre o PMDB e o PT do RS. A alegação de perda de recursos é de uma irracionalidade sem precedentes. Perder o que? O que não existe? O que acontece é deixar de ganhar os tributos diretos por algum tempo, mas ganhar empregos imediatamente. E isto gera renda e bem estar social, dinamizando a economia. Pessoas empregadas consomem e geram tributos comprando comida, roupa, eletrodomésticos e serviços que, por sua vez, empregam outras pessoas num círculo virtuoso de desenvolvimento.

O caso das montadoras é um exemplo de equívoco facilmente comprovado, assim como o preço pago pelo Rio Grande do Sul pela decisão ideológica.

No Governo Britto foram construídas pontes que permitiram a definição de duas das maiores montadoras do mundo por criar raízes por aqui. Uma ficou. A outra o PT mandou embora. E só não mandou as duas porque a GM de Gravataí já estava em um estágio em que era impossível retroceder.

É o cenário de Gravataí, Guaíba e Camaçari que analiso neste breve artigo.

A GM, que o PT não conseguiu mandar embora, mudou Gravataí. Gravataí tinha um PIB per capita de R\$ 5.361,00 em 1999, o que representava 73,45% da média do Estado. Em 2007 o PIB per capita passou para R\$ 18.642,00 e já estava 11% acima da média do RS que era de R\$ 16.689,00. O PIB total de Gravataí, em 1996, representava 1,96 % do total do RS e em 2007 passou a ser 2,76 % do total, ou seja, o aumento da participação foi de 43 % numa década.

Guaíba, onde era para ter sido instalada a Ford, tinha um PIB per capita de R\$ 6.316,00 em 1999 (18% maior que o de Gravataí), e representava 86,53 % da média do Estado. Em 2006 passou a ter um PIB per capita de R\$ 16.877,00, o que em relação à média do Estado é apenas 01 % a mais e representa 91% de Gravataí.

Esta mudança de perfil tem reflexos claros na economia a ponto de Gravataí ter uma projeção de receber R\$ 8,429 milhões de retorno de ICMS em maio de 2010, enquanto Guaíba receberá R\$ 2,522 milhões. Quase quatro vezes mais. Gravataí teve um aumento de 101% no índice de retorno de ICMS de 1995 para 2010, enquanto Guaíba, mesmo com os investimentos da indústria de celulose, aumentou 35% (SEFAZ, 2010).

Importante citar ainda que Alvorada e Viamão, municípios limítrofes de Gravataí, estagnaram. Alvorada tem o pior PIB per capita entre os 496 municípios do RS, com R\$ 4.541,00 em 2007, um quarto da

média do Estado, e Viamão, mesmo depois de várias administrações do PT, tem o quarto pior desempenho de PIB per capita com R\$ 6.051,00 o que significa 36% da média estadual.

Enquanto isto...

Camaçari, na Bahia, **para onde foi a Ford de Guaíba**, o PIB per capita era R\$ 8.470,00 em 1998, antes da Ford, e passou a ser R\$ 47.174,00 em 2007, 6 vezes a média do estado que foi R\$ 7.787,00 (IBGE). Segundo dados do IBGE (2005), o PIB de Camaçari ultrapassou o PIB de Salvador desde 2003, sendo que, em apenas dois estados brasileiros – Bahia e Santa Catarina – as capitais tem menos peso no PIB local “*Salvador perdeu em 2003 o status de maior contribuinte para o PIB baiano para Camaçari, sob efeito da instalação da Ford na cidade*” (SOARES, 2005).

Segundo dados do IBGE, o PIB de Camaçari em 2002, um ano após a implantação da fábrica, foi de R\$5,8 bilhões e, após quatro anos, esse volume atingiu a marca de R\$9,5 bilhões – praticamente dobrando. Um crescimento espetacular, uma média de 13% ao ano.

Além disso, com sua política, com foco em educação e meio ambiente, a empresa mantém no Município o Centro de Educação Ambiental, com capacidade de produzir 100.000 mudas de plantas por ano, e que faz parte do projeto da montadora para preservar o Cinturão Verde, que circunda a área industrial de Camaçari. A Ford também desenvolve com a PMC, uma parceria para recuperação de escolas públicas. “*Três escolas de ensino fundamental do Município foram reformadas e ampliadas entre 2004 e 2005*” (SOARES, 2005). Mais de 4.000 alunos foram beneficiados nestas três escolas.

Outro aspecto, discutido aqui no estado na época, era a ocupação de mão-de-obra local. No caso da Ford “*A mão-de-obra empregada é composta por 79% de residentes em Camaçari e Dias D’Ávila, sobretudo, e em municípios metropolitanos circunvizinhos, e por apenas 17% de residentes em Salvador*” (SOARES, 2005). A cadeia automotiva gerou quase nove mil empregos diretos e 50 mil empregos indiretos na Bahia e permitiu a qualificação da mão-de-obra local.

Além disso, o aporte de renda na região resultou no aquecimento do comércio, no surgimento de novos empreendimentos, no surgimento de novos hotéis, pousadas, postos de gasolina, *shopping centers* e instituições de ensino, além da atração, por sinergia, de diversas empresas, principalmente fornecedores da cadeia automotiva.

Isto demonstra, de maneira clara, que os projetos devem ser avaliados com racionalidade e não ideologicamente. Devem ser considerados os seus efeitos de médio e longo prazo, especialmente em relação aos incentivos fiscais que, aparentemente, podem causar perdas de tributos no curto prazo.

A população precisa de Estado forte que supra as necessidades de saúde, educação, segurança e infra-estrutura, mas isto não se constrói com discursos. E, muito menos, com projetos que expulsam investimentos ou com a divisão da sociedade. Se constrói com políticas que aumentem a “competitividade” e a “arrecadação” do Estado.

Graças a uma avaliação equivocada ideologicamente é que a nossa Ford Guaíba foi gerar progresso em Camaçari e não no RS como a GM Gravataí. Estamos pagando por isso. Guaíba e todo o RS.

*Eng. Agr. Filiado ao PMDB